**Dr. David Turner, Matthew
Aula 8A – Mateus 17: A Transfiguração de Jesus**

Bem, saudações novamente, aqui é David Turner. Bem-vindos à Aula 8A da nossa aula sobre Mateus. Abram seus materiais complementares na página 33 para ler o resumo desta aula.

Hoje, nesta palestra, abordaremos Mateus 17, da mesma forma que abordamos o Capítulo 16. Primeiro, abordar a exposição do capítulo significa analisá-lo, delinear seu fluxo e, em seguida, identificar algumas questões exegéticas e teológicas importantes. Como você pode ver em suas anotações, o capítulo parece se dividir naturalmente em quatro seções.

Primeiro, a transfiguração de Jesus, a cura de um menino endemoninhado, a questão do pagamento do imposto do templo e, finalmente, o resumo do capítulo. Primeiro, queremos analisar a transfiguração de Jesus. Lembre-se de que o capítulo 16, versículo 28, termina com a declaração de que alguns de vocês que estão aqui não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu reino, 16:28.

Essa passagem é passível de muitas explicações, como observamos em nossa última palestra. A que eu pessoalmente prefiro a conecta com a narrativa que temos diante de nós aqui, a transfiguração, e argumentaria que a transfiguração é, em certo sentido, uma imagem, um vislumbre, se preferir, do poder do reino, que eventualmente virá em plenitude e integralidade quando nosso Senhor Jesus retornar a esta Terra. Os discípulos tiveram um antegozo disso aqui na transfiguração.

A transfiguração de Jesus é descrita de forma bastante breve apenas nos três primeiros versículos do capítulo 17, e os versículos 4 a 13 descrevem a reação dos discípulos a ela e os ensinamentos de Jesus que ocorreram em vista dela. Este incidente da transfiguração torna-se, então, o pano de fundo para dois acontecimentos significativos para os discípulos. No primeiro, a resposta precipitada de Pedro à glória do Senhor é corrigida pela mesma voz celestial ouvida pela primeira vez no batismo de Jesus.

É importante comparar 17:4-8 com 3:17, e notar que o Pai chama o Filho de seu amado e, em 17, diz aos discípulos para o ouvirem, de certa forma anulando a ideia de Pedro de que deveria haver uma espécie de conferência bíblica ali, com Moisés, Elias e Jesus igualmente discursando. Por maiores que sejam Moisés e Elias, o Pai diz: "Ouçam Jesus". Um segundo incidente significativo é Jesus proibindo novamente os discípulos de o revelarem, e isso ocorre no capítulo 17, um pouco mais adiante naquele capítulo.

Creio que é no versículo 9 que isso ocorre. Não conteis a ninguém a visão até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos. Isso nos lembra de 16:20 e leva à pergunta dos discípulos sobre a futura vinda de Elias em 17 :9-13. Jesus responde a essa pergunta sobre a vinda de Elias de forma um tanto enigmática, em termos de uma vinda passada de Elias, quando compara seu próprio sofrimento futuro ao que aconteceu com esse suposto Elias.

Nesse ponto, os discípulos percebem que Jesus está falando de João Batista. É de fato complicado entender como João, em certo sentido, cumpre Malaquias 4:5 e 6, mesmo tendo negado ser Elias em João 1, quando lhe foi perguntado. No entanto, em Lucas 1, Zacarias, pai de João, é informado de que virá no espírito e no poder de Elias.

Portanto, parece que Jesus está falando de João como a vinda de Elias e se refere ao seu próprio sofrimento como uma resposta ao que já aconteceu com o sofrimento de João. E é aí que os discípulos captam tudo isso. Portanto, de modo geral, esta passagem contém a Transfiguração propriamente dita, 17:1-3, uma lição sobre a proeminência de Jesus, 17:4-8, e uma lição sobre a continuidade de João Batista com o Elias do passado e com o próprio Jesus no presente, 17:9-13. Bem, não há muito o que dizer sobre a cura do menino endemoninhado nos versículos 14-21.

A história do exorcismo e da cura deste menino tem duas partes principais: a primeira trata da cura em si, nos versículos 14 a 18, e a segunda, de uma pergunta levantada pelos discípulos de Jesus, nos versículos 19 a 21. Em ambas as partes, há um pedido na primeira parte, nos versículos 14 a 16, e na segunda, no versículo 19. E há também uma resposta de Jesus em ambas as partes: na primeira parte, nos versículos 17 a 18, e na segunda, nos versículos 20 a 21.

Em ambas as partes, 14-18 e 19-21, a incapacidade dos discípulos é contrastada com o poder de Jesus. Observe a incapacidade deles nos versículos 16-19 e o poder de Jesus nos versículos 18-20. O problema ao longo deste breve episódio é a falta de fé, tanto por parte dos contemporâneos de Jesus, versículo 17, quanto por parte de seus próprios discípulos, no versículo 20.

Portanto, o leitor atento já está sintonizado com esses temas de narrativas anteriores de Mateus e não se surpreende com essas dificuldades. Mais sobre a lição para os discípulos, como você pode ver, na segunda metade desta palestra. Agora, passando para os versículos 22 a 27, Jesus prevê sua morte e paga seu imposto.

Esta passagem, como você pode imaginar pela forma como a entitulei, contém dois elementos. O primeiro é outra predição do sofrimento e da morte de Jesus nos versículos 22 e 23, seguida por um incidente referente ao pagamento do imposto do templo nos versículos 24 a 27. A narrativa do incidente do imposto do templo apresenta Pedro respondendo a duas perguntas: a primeira dos cobradores de impostos do templo, nos versículos 24 e 25a, e a segunda, de Jesus, nos versículos 25b a 26a.

O restante da passagem, 26b e 27, contém os ensinamentos de Jesus sobre o assunto, tanto em princípio no 26b quanto na prática no 27. Para registro, Pedro responde à pergunta do publicano de forma errada e à pergunta de Jesus de forma correta. Não se pode deixar de lembrar que Jesus não se importava em ofender os fariseus sobre a questão do ritual de lavar as mãos em 15:12, mas no espírito de 12:19, que cita Isaías 42-2, Jesus não protestará contra o imposto do templo em 22-15, e compare com isso 22-15 a 22, e Romanos 13:6 e 7, e 1 Pedro 2:13 e 14.

Jesus já havia mantido relações cordiais com cobradores de impostos, tanto em Cafarnaum quanto em outros lugares, e isso só aumenta sua tensão com os fariseus, visto que estes não gostam dos cobradores de impostos. Volte e revise 9:9-11. Os discípulos de Jesus hoje frequentemente interpretam isso ao contrário, tratando hipócritas religiosos com muita deferência, enquanto protestam veementemente contra as injustiças percebidas pelos pecadores. A lição de 12:19 e 20, citando Isaías 42:2 e 3, ainda é necessária.

Jesus tratava os pecadores não religiosos com gentileza e os hipócritas religiosos com severidade, e seus discípulos deveriam fazer o mesmo. Renunciar às próprias liberdades para evitar ofensas e promover o testemunho do Reino é o que Jesus parece estar fazendo aqui. Ele não é obrigado a pagar o imposto do templo, nem seus discípulos.

O rei não cobra impostos de seu filho e dos amigos de seu filho. Mas renunciar à própria liberdade é algo que Jesus, ao que parece, faz aqui, e isso é, claro, também um ensinamento do apóstolo Paulo em Romanos 14:13-23, 1 Coríntios 8:9, 1 e 1 Coríntios 9:19 e seguintes. Há também uma mistura impressionante de humildade e poder nesta passagem.

Jesus realiza um milagre para se submeter aos publicanos e evitar que se ofendam, permitindo que Pedro pegue o peixe e a moeda. Mais uma vez, com tudo isso, Pedro aprende uma lição sobre o perigo de falar rápido demais. Pedro era conhecido por isso, obviamente, e talvez esteja percebendo, embora eventos posteriores em Jerusalém mostrem o contrário.

Sempre podemos ter esperança. Bem, para resumir a narrativa e a exposição de Mateus 17, é importante notar que, desde Mateus 16:5, Mateus vem enfatizando a interação privada de Jesus com os discípulos. Ele os ensinou a se acautelar dos ensinamentos dos fariseus em 16:5-11, e lhes revelou sua identidade em 16:13-17, também seu programa para a igreja em 16:18-20, e seu futuro, juntamente com o deles, em 16:21-28.

Agora, a confissão de Pedro de que Jesus é o Messias é confirmada milagrosamente na Transfiguração. A última menção ao ministério de João, semelhante ao de Elias, transforma-se numa previsão da paixão em 17:12. A perícope da cura evoca dois temas familiares: a falta de fé da geração de Jesus (17:17) e a pouca fé dos discípulos de Jesus (17:20).

A menção final de Cafarnaum em Mateus também implica a descrença da cidade adotiva de Jesus (compare 11:23 e 24). Cafarnaum, depois de todos os milagres ali realizados, deveria ter reconhecido que a filiação singular de Jesus o impediria de pagar o imposto do templo. No entanto, Jesus concorda em pagá-lo para evitar que eles pecassem (17:27).

De tudo o que foi exposto, fica claro que Mateus 17 está entrelaçado com uma ampla gama de temas teológicos predominantes em Mateus. Também está repleto de temas que têm sido preeminentes em todo o bloco narrativo que começa em 13:53. Jesus realizou muitos milagres, mas seus contemporâneos malignos, em sua maioria, ainda não acreditam nele.

O conflito com os líderes judeus continua e se agrava. Mas Jesus ensinou fielmente seus discípulos, e a pouca fé deles está crescendo. Eles aceitaram com grande tristeza sua clara previsão de que ele sofreria, morreria e ressuscitaria em Jerusalém.

Mas eles ainda estão preocupados com questões carnais, como quem será o maior. Compare 18:1 com 16:23. Portanto, ainda há muito a aprender sobre a autêntica comunidade do Reino antes de fazerem a viagem fiel a Jerusalém com Jesus.

Agora, passemos de nossas reflexões expositivas sobre Mateus 17 para algumas das questões exegéticas e teológicas significativas do capítulo. A primeira delas é, naturalmente, a transfiguração de Jesus, um acontecimento e tanto para refletirmos teológica e espiritualmente. Há lições para nós, bem como verdades profundas.

Em primeiro lugar, a transfiguração e a teologia. A transfiguração de Jesus é um evento verdadeiramente surpreendente, mas não algo que deva ser totalmente inesperado para os leitores de Mateus. Afinal, Jesus nasceu milagrosamente, de acordo com Mateus 1 e 2, e seu ministério começou com o sonoro endosso do Pai Celestial em 3:17.

Ele realizou obras poderosas de compaixão e ensinou a Torá com autoridade celestial, 7:29. Ele até demonstrou controle sobrenatural dos processos naturais ao acalmar tempestades e alimentar milhares de pessoas com apenas alguns pães. Ele prometeu um retorno glorioso, um julgamento de todos os humanos e um reino justo na Terra.

Após sua ressurreição, ele receberá autoridade total no céu e na terra, e sua presença acompanhará os discípulos enquanto eles levam a mensagem do seu reino a todas as nações até o fim da era presente, antes do seu retorno (28:18-20). Portanto, sob esse ponto de vista, pensando em Mateus como um todo, a gloriosa transfiguração de Jesus está em consonância com sua condição de Filho de Deus, com o cumprimento dos padrões e predições do Antigo Testamento e com sua promessa de um reino futuro. A transfiguração é parte integrante da elevada cristologia de Mateus e de sua escatologia apocalíptica.

Ela autentica tanto a verdadeira identidade de Jesus quanto o plano de Deus de invadir este mundo e governá-lo para sempre. Por meio da transfiguração, os discípulos de Jesus têm um vislumbre de quem ele realmente é e do que um dia trará a este mundo. Parece, sob esse ponto de vista, que devemos encarar a transfiguração como uma revelação temporária e milagrosa da glória que Jesus teve com o Pai desde toda a eternidade, em consonância com a linguagem que Jesus usa em João 17, quando ora ao Pai e lhe pede que a glória que outrora tinha consigo antes que o mundo fosse restaurado a ele, uma vez concluída a obra que o Pai lhe confiou para fazer.

Portanto, a transfiguração de Jesus não é algum tipo de glória externa de Deus que lhe sobrevém de fora, nem algum tipo de percepção subjetiva da glória de Jesus meramente pelos discípulos. Em vez disso, é a percepção subjetiva deles do fato objetivo de que Deus, por um tempo, permitiu temporariamente que a glória divina de Jesus, que estivera velada desde a sua encarnação, brilhasse. À luz de tudo isso, Moisés e Elias são figuras dignas, mas são apenas coadjuvantes no drama redentor que se desenrola aqui, enquanto a cortina se fecha.

Moisés e Elias saíram do palco, e somente Jesus permanece no centro do palco da história redentora. O mandamento de Deus, "Escutem-no", em 17:5, torna-se ensiná-los a observar todas as coisas que eu lhes ordenei da Grande Comissão. Em outras palavras, os discípulos devem aprender aqui que Jesus é o seu Senhor em todos os sentidos da palavra.

À luz de outros textos do Novo Testamento, a transfiguração provavelmente deve ser vista não como a iluminação do homem Jesus com uma glória externa, mas como a revelação momentânea da própria glória intrínseca do Filho de Deus, que foi temporariamente velada apenas para ser reassumida na ressurreição e ascensão. Como mencionamos anteriormente, João 17, versículos 4 e 5, e o versículo 24 são relevantes aqui, assim como Filipenses 2:5 a 11, Colossenses 1:16 a 19 e Hebreus 1:1 a 4. Teólogos sistemáticos ortodoxos são desafiados pela transfiguração a tentar uma explicação para o que deve ser, em última análise, inexplicável. Como pode ser que o eterno Filho de Deus tenha vindo à Terra como uma criança genuinamente humana? E como as naturezas divina e humana de Jesus foram implicadas em Sua transfiguração? Alimento para a reflexão.

As respostas levarão toda a eternidade. Agora, a questão das lições para os discípulos na transfiguração de Jesus. Nesta passagem, os discípulos são apresentados a duas lições, na verdade, uma relacionada às suas necessidades espirituais mais profundas e outra relacionada à intrigante questão intelectual.

A primeira lição diz respeito à preeminência de Jesus na vida dos discípulos. Diante da cena impressionante de Moisés e Elias conversando com um Jesus gloriosamente transformado, Pedro propõe a construção de abrigos temporários, semelhantes à Festa dos Tabernáculos, Sucot, na Bíblia hebraica. Ele quer que esses abrigos temporários sejam montados para que eles possam acampar e talvez realizar algum tipo de reunião campal ou conferência bíblica ao ar livre.

Nunca saberemos exatamente o que ele tinha em mente para esses três abrigos, já que sua proposta foi interrompida pela voz do céu. Mas podemos ter certeza de que Pedro estava no caminho errado, visto que sua proposta não promovia a suficiência exclusiva de Jesus para Seus discípulos. Armar três tendas, uma para Moisés, uma para Elias e uma para Jesus, teria dois efeitos errôneos.

A primeira seria, se me permitem a expressão, condenar Jesus com louvores vagos, sem realmente Lhe dar a glória que Lhe é devida somente. E a segunda é a concessão de um status a Moisés e Elias que pertence somente a Jesus. Por maiores que Moisés e Elias fossem, e certamente eram grandes, eram apenas servos de Deus, não Seus filhos.

Compare novamente com 3:17. Moisés foi o profeta prototípico, mas falou de Jesus como o profeta escatológico definitivo, cujas palavras devem ser ouvidas em Deuteronômio 18:15-19. O ministério de Elias defendeu corajosamente a lei de Moisés contra os adoradores de Baal e os profetas de Baal. Elias deve ser elogiado e admirado, com certeza. Mas Jesus, como o mestre definitivo da lei, a leva ao seu objetivo final, Mateus 5:17 e seguintes.

Portanto, por mais bem-intencionada que fosse a proposta de Pedro, ela sugeria a noção impensável de que Moisés e Elias estavam no mesmo nível de Jesus. Ora, isso simplesmente não funciona, pois somente Jesus é o Filho amado que agrada ao Pai, e somente Jesus deve ser ouvido e obedecido. A segunda lição tem a ver com a compreensão dos discípulos sobre os mistérios da profecia bíblica.

No plano de Deus, os ministérios de Elias, João e Jesus estão intrinsecamente interligados. Por si só, João não era Elias, mas veio ministrar no espírito de Elias, de acordo com João 1:21 e Lucas 1:17. O ministério de João como precursor de Jesus estava nos moldes daquele de quem Isaías falou, que prepararia o caminho do Senhor, em Mateus 3:3, citando Isaías 40:3. Realmente não compreendemos as complexidades de como Isaías 40:3, Malaquias 4:5 e 6 e todos esses textos do Novo Testamento se inter-relacionam. Mas precisamos entender que, em certo sentido, a profecia do retorno de Elias foi cumprida por João Batista, enquanto, na minha opinião, isso também deixa em aberto um cumprimento final, onde a pessoa de Elias retorna.

O que talvez nos incomode quando olhamos para Apocalipse 11, para saber se João é uma das chamadas duas testemunhas ali. Mas, claro, isso depende de como você interpreta Apocalipse 11. Agora, passamos para o próximo tópico para reflexão: a pouca fé dos discípulos, que parece surgir com bastante frequência em Mateus.

Em 17:20, a pouca fé deles é mencionada. A lição desta passagem sobre a pouca fé deles é clara. Os discípulos de Jesus, então, assim como agora, são vulneráveis a assumir os valores morais e espirituais de seus contemporâneos.

Os discípulos de Jesus tinham pouca fé e viviam entre uma geração infiel e depravada. Essa infidelidade era evidente até mesmo entre aqueles na multidão que, como o homem com o filho epiléptico, acreditavam que Jesus poderia curar suas doenças. Esse tipo de fé, entre aspas, operava apenas no plano material e não reconhecia Jesus como o Messias, o Filho do Deus vivo.

Em vez disso, Jesus foi reconhecido apenas como uma espécie de figura profética, um profeta, 16:14, 21:11. Em contraste com a multidão, os discípulos de Jesus têm pouca fé. Mas é uma fé genuína que confessa a verdadeira identidade do seu Senhor.

Observe 14:33 e 16:16. A questão não é a intensidade ou a quantidade de fé, mas o grau de percepção do seu objeto. O poder da fé está na pessoa a quem ela é dirigida.

Os discípulos de Jesus não conseguiram curar o menino epiléptico porque desviaram o olhar de Jesus e olharam para os obstáculos, assim como Pedro fez durante a tempestade, quando começou a afundar em 14:31. Fé não é crer na fé, mas no Pai Celestial. Não é crer que o Pai fará tudo o que pedimos, mas crer que o Pai pode fazer o que for melhor para nós.

Não podemos presumir que Deus endossará e executará nossas vontades egoístas, seja qual for o nome que você dê a essa teologia. Às vezes, é chamada de confissão positiva. Às vezes, é chamada de "nomeie e reivindique".

E isso tende a nos colocar no comando, e a Deus como aquele que faz o que dizemos. Deus não necessariamente endossa e cumpre nossas vontades egoístas. Isso cabe a Ele, não a nós.

O que nos cabe é crer que Deus é capaz e que nos capacitará a fazer grandes coisas, a estender o seu reino por meio de palavras e ações. Agora, para resumir alguns dos temas-chave em Mateus 13:53 a 17:29. Esses são temas que permeiam toda a narrativa de Mateus e são particularmente enfatizados neste bloco narrativo de material que ocorre entre o discurso parabólico de Jesus sobre a maneira como a palavra do reino, a mensagem do reino, é recebida no capítulo 13 e seu discurso, ao qual nos voltaremos em nossa próxima palestra, o discurso sobre a grandeza no reino e os valores espirituais no reino, no capítulo 18. Então, nesta, digamos, seção interdiscursiva, de 13:53 a 17:29, quais são as questões que continuam surgindo? Bem, em primeiro lugar, certamente a incredulidade e a oposição a Jesus, apesar de seus milagres, continuam sendo enfatizadas aqui.

Em primeiro lugar, isso se encontra na oposição dos amigos de Jesus, os moradores de sua cidade natal, de Nazaré, em 13:53 e seguintes. Eles conheciam suas origens. Seu pai era simplesmente carpinteiro.

Sua mãe e seus irmãos ainda estavam lá. Então, eles sabiam tudo sobre essa pessoa, suas origens humildes, e por isso não conseguiam acreditar em quem ele realmente era. Isso deve ter magoado Jesus particularmente, e é particularmente dramático que nem mesmo sua própria cidade natal acreditasse nele.

O assassinato de João, da forma macabra descrita em Mateus 14:1 a 12, é mais um indício da oposição e da incredulidade de pessoas em posições elevadas durante o ministério de Jesus. Mesmo as declarações bastante positivas de Mateus 16:14, que consideram Jesus um profeta, Elias ou João Batista ressuscitado, não são, na verdade, declarações de fé em Jesus, porque, como mencionei antes, tendem a condená-lo com elogios medíocres. Jesus é muito mais do que qualquer uma dessas coisas em Mateus 16:14. Portanto, a incredulidade daquela geração também é comentada por Jesus em Mateus 17:17. Portanto, esse tema continua e se intensifica nesta seção.

A segunda coisa que se intensifica aqui é o conflito com os líderes judeus. Podemos observar a execução de João Batista por Herodes em 14:10 nesse sentido, e é significativo que em 17:12 nosso Senhor Jesus diga que eles fizeram com João o que desejavam. Mesmo assim, de forma semelhante, o Filho do Homem vai sofrer nas mãos deles.

Portanto, 17:12 tende a interpretar 14:10 como uma espécie de prévia ou vislumbre do destino de Jesus. E se você estudar atentamente Mateus, é impressionante como João Batista e Jesus têm vidas paralelas em muitos sentidos. Finalmente, Jesus começa a fazer previsões explícitas de sua morte nesta seção.

A chamada primeira predição da paixão em 16:21 e o eco em 17:12, a segunda expressão clara da paixão em 17:22-23, indicam que o conflito com os líderes judeus está se intensificando, embora nesta seção não haja grande ênfase episódica nisso. Nenhuma das perícopes enfatiza especificamente ocasiões adicionais de oposição por parte dos líderes judeus, mas fica claro, principalmente, pela conexão de 14:10 com 17:12 e as predições da paixão de Jesus, que começam aqui. Mas acho que, na minha opinião, o que realmente é enfatizado em 13:53 a 17:29 é o foco de Jesus em seus discípulos e seu contínuo e paciente ensino a eles para desenvolver sua fé, ajudá-los a crescer e prepará-los, em última análise, para o tempo em que ele deixará a Terra.

Há vários pontos que surgem nesta narrativa, e deixe-me listar brevemente alguns deles para você refletir. Observe primeiro como os discípulos são céticos em relação ao poder de Jesus nas duas vezes em que ele realiza uma refeição milagrosa, tanto na alimentação dos 5.000 em 14:15 e seguintes, quanto na alimentação dos 4.000 em 15:33. Os discípulos não percebem o quão poderoso Jesus é e que ele é capaz de alimentar milhares de pessoas com apenas alguns restos de comida. Nesse sentido, a falta de compreensão deles da declaração de Jesus sobre o cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus em 16:6 é instrutiva, porque tudo o que eles conseguem pensar em 16:6, quando Jesus diz para terem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus, é que ele estava zangado com eles porque não trouxeram pão, tudo isso depois de ele já ter alimentado milhares de pessoas duas vezes com alguns restos de comida.

Portanto, isso certamente indica que a fé dos discípulos estava em um estado lastimável, pois ainda não haviam compreendido plenamente o poder do Senhor. Certamente, hoje precisamos continuar a compreender o poder do Senhor e não menosprezá-lo. Outro exemplo disso foi o medo deles durante a tempestade em 14:26. Observe também os versículos 30 e 31 do capítulo 14, onde eles têm medo de morrer, mesmo estando fazendo o que Jesus lhes ordenou: entrar no barco e ir para o outro lado.

Para ser justo com os discípulos, depois de passarem por essa terrível experiência e pela falta de fé, observe que, quando Jesus os salva e acalma a tempestade novamente, eles comentam no versículo 33, após adorarem a Jesus: "Você certamente é filho de Deus, então dê o devido crédito a quem merece". A preocupação deles em ofender os fariseus em 15:12 é bastante ingênua. Eles já deveriam ter percebido que os fariseus se ofenderiam, não importa o que Jesus fizesse.

Eles têm muito a aprender ali. Sua intolerância para com a mulher cananeia em 15:23 demonstra sua falta de compaixão pelos necessitados. Sua falta de compreensão do fermento, como mencionei em 16:6, os três erros de Pedro em 16:21, quando ele não quer que Jesus vá à cruz, aquele que leva o bolo, sua sugestão ingênua de que Jesus compartilhe a tarefa de pregar com Moisés e Elias em 17:4 e 5, e seu acordo para que os discípulos paguem o imposto do templo em 17:25, demonstram que ele tem muito a aprender e que é de fato o discípulo modelo, portanto seus problemas refletem os dos discípulos.

A pergunta sobre Elias em 17:10 mostra que eles têm muito a aprender, assim como a pergunta sobre por que eles não conseguem expulsar o demônio em 17:19. Então, você vê aqui, ao longo desse tempo na narrativa, que Jesus tem muito foco, e Mateus deseja ressaltar que os discípulos têm uma fé fraca, mas, felizmente, é uma fé crescente. Eles acreditam que ele é o filho de Deus. Certamente, hoje, nossa fé precisa ser desenvolvida assim como a deles.